

A Arte da Guerra no Século XXI: Um Enigma

General de Exército Paulo Cesar de Castro, Exército Brasileiro

A TELEVISÃO SEM CONTROLE remoto, a máquina de escrever elétrica, o projetor de transparências, o toca-fitas, o disquete e outros avanços tecnológicos do século XX estão nos museus e passaram à história, assim como o Muro de Berlim, a Iugoslávia, a União Soviética, o Pacto de Varsóvia, a Guerra Fria e as moedas nacionais dos países da zona do euro. No entanto, nesse mundo em vertiginosa transformação, as Forças Armadas continuam solidamente presentes e tão relevantes como sempre. Protagonistas da história de todos os séculos, elas permanecem sustentáculos dos Estados soberanos como instituições permanentes, regulares, baseadas na hierarquia e disciplina, sob a autoridade suprema do respectivo chefe de Estado.

No século XXI, o poder militar tem sido empregado pelos Estados-nação em cenários tão complexos que planejador algum ousou imaginar. A onipresença da mídia e a sofisticação tecnológica crescente, o inimigo imerso na população e as ideologias, o terrorismo e a criminalidade organizada, o extremismo religioso e restrições de toda ordem — políticas, econômicas, culturais e legais — a presença de múltiplas agências estatais e de organizações não governamentais, a internet e as redes sociais, os tribunais internacionais e o peso da opinião pública constituem sintética demonstração da magnitude dos desafios presentes no campo de batalha no qual os líderes militares têm o dever de empregar o braço forte e a mão amiga para



Prédio atingido por um foguete do Hamas, na cidade de Kiryat Malachi, em Israel. Três moradores foram mortos, e vários outros ficaram gravemente feridos, incluindo uma criança de um ano e meio.

cumprir a missão, isto é, vencer. A vitória é a única alternativa admitida quando se combate em defesa da pátria, da garantia da lei e da ordem, da manutenção da paz, da ajuda humanitária e do apoio à defesa civil.

O General Rupert Smith, ao ponderar sobre o mundo em que vivemos e as Forças Armadas, presenteou-nos com *A Utilidade da Força, A Arte da Guerra no Mundo Moderno*. Sua obra já está consagrada como um clássico do pensamento militar que tem provocado reflexões, estudos e debates. O General (Gen) Smith afirma que:

Confronto, conflito e combate, indubitavelmente existem no mundo inteiro [...] Entretanto, a guerra entendida como batalha em um campo entre homens e máquinas [...] a guerra como um evento decisivo para

O General de Exército Paulo Cesar de Castro é graduado pela Academia Militar das Agulhas Negras, na arma de Artilharia. É doutor em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval. Comandou: como coronel, o 21º Grupo de Artilharia de Campanha; como Gen Bda,

a ECEME; como Gen Div, a 4ª Região Militar e 4ª Divisão de Exército. Como Gen Ex, foi chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército até maio de 2009, quando foi transferido para a reserva. Atuou nas operações Rio-92, Rio, Minas Gerais e Ouro Preto, todas de garantia da lei e da ordem, sendo as duas últimas como comandante.

a disputa de controvérsias internacionais, a guerra industrial não existe mais. Estamos engajados constantemente [...] na guerra no meio do povo”¹.

Em outras palavras, o Gen Smith incluiu a guerra industrial entre Estados-nação no acervo dos museus militares, mas não se limitou a tal; ofereceu-nos, como paradigma do século, a guerra no meio do povo².

Este artigo se propõe a: constatar o novo paradigma na guerra entre Israel e Hamas, de 14 a 21 de novembro de 2012; constatar, também, aquele paradigma no conflito armado entre franco-africanos e rebeldes no Mali, iniciado em janeiro de 2013; refletir sobre o futuro dos conflitos armados; e propor que a guerra no meio do povo, sendo realidade, não é única e, portanto, não exclui a exigência de preparação de Forças Armadas para enfrentar quaisquer desafios contemporâneos e futuros.

Israel X Hamas: Guerra no Meio do Povo

Desde a independência, em 14 de maio de 1948, Israel tem enfrentado sucessivas crises, conflitos armados e guerras com seus vizinhos, até mesmo porque nunca se efetivou a criação do Estado Palestino, igualmente deliberada pela ONU, em 1947. O emprego mais recente das Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês) ocorreu em novembro de 2012. Nesse confronto, as características apontadas pelo Gen Smith³ para identificar o paradigma da guerra no meio do povo podem ser claramente observadas.

O Hamas, a maior e mais influente organização fundamentalista palestina⁴, prega abertamente a completa destruição do Estado de Israel⁵. A organização é considerada terrorista pelo Canadá, Israel, Japão, Estados Unidos e União Europeia, enquanto Reino Unido e Austrália consideram terrorista somente o seu braço armado⁶. O Hamas, em 2006, venceu democraticamente as eleições nos

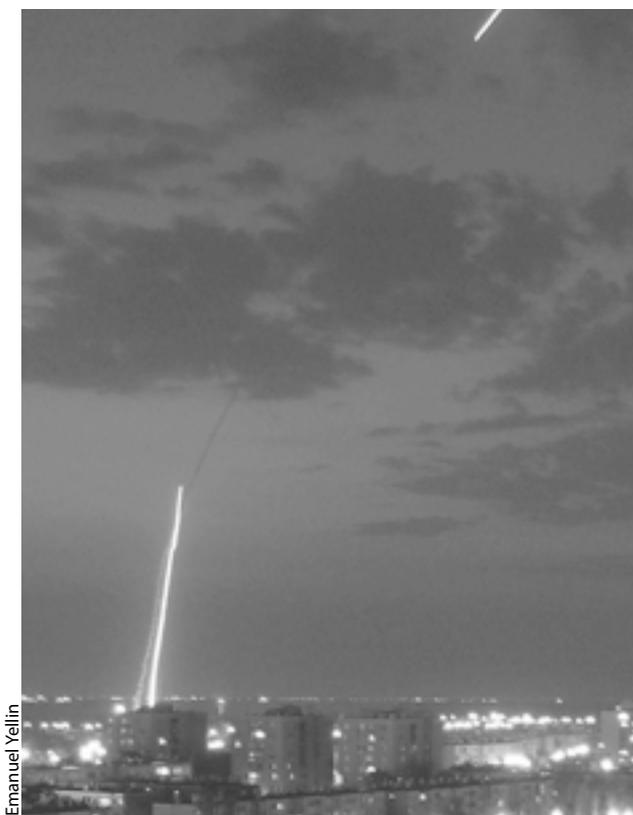


Forças de Defesa de Israel

Em 14 Nov 12, as Forças de Defesa de Israel deram início à Operação “Pilar de Defesa”, uma ampla campanha contra bases e agentes do terrorismo na Faixa de Gaza. Nos dias anteriores, o Hamas havia disparado centenas de foguetes contra comunidades israelenses, ameaçando a vida de milhões de civis. Na foto, crianças da cidade de Kiryat Malachi correm rumo a um abrigo, enquanto soa a sirene de alarme.

territórios palestinos, pelo que assumiu o controle da Faixa de Gaza, da qual os israelenses haviam se retirado unilateralmente em 2005. De imediato, emergiram duas consequências: o enfraquecimento do poder político da Autoridade Nacional Palestina (ANP) e o aumento da ameaça a Israel, cujo direito de existir não é reconhecido pelo Hamas.

Com liberdade de ação, o Hamas construiu uma rede de túneis de Gaza ao Sinai, no Egito, essencial ao contrabando de foguetes *Fajr-5*, de fabricação iraniana. Os foguetes foram enviados do Irã para o Sudão por via marítima, com aprovação do governo local. A seguir, atravessaram o Egito através do Saara até a península de Sinai, onde foram desmontados. Pelos túneis, os *Fajr-5* chegaram a Gaza, acompanhados desde a origem por militantes do Hamas e técnicos iranianos com passaportes falsos. Esses foguetes, com alcance de 75 km, juntaram-se aos *Grad* e *Grad* versão 2 (com alcance de 20 e 48 km, respectivamente), *Qassam* (17,7 km) e aos morteiros pesados (9,7 km) para aumentar o poder de fogo do Hamas⁷.



Emanuel Yellin

O sistema "Domo de Ferro", de Israel, dispara durante a Operação "Pilar de Defesa".

A sobrevivência da nação, interesse vital de Israel, viu-se fortemente ameaçada. Em decorrência, de 14 a 21 de novembro, as IDF entraram em ação contra os terroristas do Hamas, dispersos no meio do povo palestino do qual, por sua vez, são integrantes. Durante as operações militares, sobressaíram as seguintes características do novo paradigma da guerra:

- As Forças Armadas de Israel, organizadas segundo o paradigma da guerra industrial, confrontaram-se com um inimigo não estatal, o Hamas.

- O conflito armado teve duração reduzida: desde 14 de novembro, quando da eliminação do comandante militar inimigo, Ahmed al-Jabari, até 21 de novembro, data em que entrou em vigor o cessar-fogo.

- A guerra foi travada no meio das populações civis israelense e palestina, obrigando as IDF a identificar, com a máxima precisão possível, os membros do Hamas, antes de transformá-los em alvos. Os terroristas, por seu turno, não tinham obrigação alguma ao selecionar os alvos de seus foguetes que chegaram, pela primeira vez, a Tel Aviv, centro financeiro de Israel.

- Os objetivos estabelecidos e conquistados pelas IDF consistiram na destruição/neutralização da rede de túneis e dos foguetes do Hamas, além da eliminação de líderes e integrantes do braço militar da organização. Esses objetivos, como se vê, foram diferentes do que teriam sido os de uma guerra industrial entre Estados.

- A mídia desempenhou papel central e ampliou as dimensões da guerra no meio do povo, em particular dos palestinos. Onipresentes, televisão e emissoras de rádio, correspondentes internacionais, jornais, revistas e internet transmitiram instantaneamente aos lares do mundo inteiro as imagens e sua própria interpretação dos bombardeios recíprocos. As redes sociais exerceram papel especial e foram exploradas, tanto pelas IDF quanto pelos terroristas, para nos convencer da legitimidade de suas ações e exibir e explorar os danos colaterais infligidos à população civil pelo adversário⁸.

- O Exército Israelense mobilizou reservistas, desdobrou unidades blindadas em face da Faixa de Gaza



Voices of America

Representantes do grupo Ansar Dine e do Movimento Nacional pela Libertação de Azawad em Ouagadougou, com o Presidente Compaoré, de Burkina Fasso, principal mediador no conflito malinês, 16 Nov 12.

e ameaçou o território palestino com possível invasão terrestre. Como tal operação não se concretizou, os efeitos obtidos traduziram-se por demonstração de força e dissuasão. É possível afirmar que influentes atores internacionais foram fortemente pressionados a mediar um cessar-fogo. Paralelamente, Israel enviou firme mensagem ao mundo quanto ao seu direito de legítima defesa, ainda que a custo elevado. Ficou caracterizado que “em cada ocasião, novos empregos são encontrados para velhas armas”⁹.

Constatou-se, pois, que as IDF foram empregadas no que se poderia chamar de caso clássico de guerra no meio do povo.

Conflito no Mali: Guerra no Meio do Povo

O Mali conquistou sua independência da França em 1960¹⁰. Em março de 2012, uma rebelião separatista da etnia tuaregue culminou com a deposição do presidente eleito e posterior assunção de um presidente transitório¹¹. Os tuaregues chegaram a dominar parte do norte do país, mas foram expulsos por grupos islâmicos radicais ligados à Al-Qaeda, que impuseram o rígido código da Sharia àquela região. O grupo Ansar Dine (Defensores da Fé) esteve, desde então, por trás de execuções públicas e amputações, o que fez crescer o número de refugiados. Em novembro, a União Africana pediu à Organização das Nações Unidas (ONU) que endossasse ações militares para libertar o norte do Mali, finalmente aprovadas pelo Conselho de Segurança, em 20 de dezembro¹².

A situação agravava-se dia a dia, a força da ONU não fora constituída e sequer tinha data para entrar em ação. A conquista da cidade de Konna por rebeldes islâmicos, em janeiro de 2013, levou o presidente transitório Dioncounda Traoré a solicitar apoio militar à antiga metrópole¹³. O presidente Hollande concordou e, assim, o Exército e a Força Aérea da França, preparados segundo o paradigma da guerra industrial, foram empregados na Operação Serval, com os objetivos de combater os jihadistas, evitar a criação de um Estado terrorista no norte malinês¹⁴, além de proteger cerca de seis mil franceses residentes no país¹⁵.

Os exércitos da França e do Mali operaram aliados desde os primeiros momentos. Sucessivamente chegaram tropas do Togo, Nigéria, Chade, Burkina Fasso¹⁶, Niger, Senegal, Benin e Gana. Essas forças africanas constituíram a Missão Internacional de Apoio ao Mali (MISMA)¹⁷.

Vitórias das forças franco-africanas sucederam-se: a reconquista de Diabali e Duentza (21 de janeiro¹⁸); de Gao (26 de janeiro¹⁹); de Timbuktu (28 de janeiro²⁰); e de Kidal (5 de fevereiro²¹). Em 3 de fevereiro, foi preso Mohammed Mousa Ag Mohammed, alto dirigente do grupo radical islâmico Ansar Al Din²². Em 23 de março, a França confirmou a morte de Abu Zeid, líder da Al Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM, na sigla em inglês)²³. Contudo, esses êxitos ainda não foram definitivos, uma vez que ações assimétricas rebeldes persistiam.

Em 31 de março, o Papa Francisco concedeu a bênção *Urbi et Orbi* e, em sua mensagem, lançou apelo pela paz: “[...] Paz para a África, cenário ainda de sangrentos conflitos: no Mali, para que reencontre unidade e estabilidade [...]”²⁴. A ONU já anunciara intenção de transformar as forças africanas em força de paz e a França planeja retirar suas forças em abril. No início desse mês, a União Europeia iniciou o treinamento de militares malineses com o propósito de aprimorá-los para garantir a defesa de sua própria pátria²⁵.

As operações franco-africanas evidenciaram, plenamente, características do paradigma da guerra no meio do povo:



Combatentes tuaregues avançam rumo ao sul, para Mopti, Mali, 26 Jan 12.

- Forças Armadas da França e dos países da MISMA, preparadas segundo o paradigma da guerra industrial, estão combatendo: a AQIM; o Movimento pela Unidade e Jihad na África Ocidental²⁶; o Ansar Dine ou Ansar Al Din; e o Movimento Nacional pela Libertação de Azawad (milicianos separatistas tuaregues)²⁷. O inimigo é não estatal, irregular, desprovido de uniformes, terrorista radical, não está sujeito à lei internacional e a regras de engajamento.

- O combate está sendo travado no meio do povo malinês, o que torna muito difícil a identificação do inimigo e facilita suas ações assimétricas como, por exemplo, atentados com homens-bomba²⁸. Estas ações de jihadistas suicidas têm se sucedido até abril de 2013.

- A Força Aérea francesa está empregando aeronaves *Mirage 2000D*²⁹ e *Rafale*³⁰, enquanto o Exército Francês tem operado com carros de combate *AMX 10 RC*, viaturas blindadas de combate de infantaria, precursores blindados *Renault* e outras viaturas blindadas³¹. Estes exemplos demonstram que o Gen Smith tem razão ao afirmar que “em cada ocasião, novos empregos são encontrados para velhas armas”³².

- Combater jihadistas, evitar a criação de um Estado terrorista, proteger cidadãos franceses e população malinesa, garantir a integridade e a estabilidade do Mali são objetivos declarados e deduzidos da Operação Serval. Observa-se com nitidez o quão se afastam do que seriam os objetivos de uma guerra industrial entre Estados.

- A França e o Mali iniciaram as operações conjuntas em 11 de janeiro e em abril ainda combatiam

aliados às tropas da MISMA, notadamente nas montanhas do nordeste do país. Não é possível, pois, afirmar que se trata de conflito de duração reduzida³³.

Serval, felino da savana subsaariana, emprestou seu nome à operação franco-africana no Mali, mais recente exemplo contemporâneo de guerra no meio do povo.

Século XXI: Desafio ao Planejador Militar

Paradigma significa padrão, modelo. Para o planejador militar, definir-se por um paradigma corresponde a: desenvolver doutrina de emprego; prover a força de equipamentos, armamentos, viaturas, munições e toda a sorte de material bélico coerente com a decisão adotada; capacitar recursos humanos para liderar a batalha e o combate segundo o modelo escolhido; preparar planos estratégicos, operacionais e táticos que assegurem, em cada hipótese considerada, a vitória segundo o paradigma selecionado. Um desafio e tanto, sem esquecer que tudo está subordinado ao nível político nacional.

Os exemplos recentes das Forças Armadas de Israel, da França e de seus aliados no Mali seriam

suficientes, mas a Coreia do Norte me faz refletir sobre o paradigma a ser adotado pela Coreia do Sul, Estados Unidos da América (EUA) e aliados. Seguramente, não será o da guerra no meio do povo.

Ao aplicar o paradigma defendido pelo Gen Smith à América do Sul, lembro que a Bolívia tem como objetivo permanente a reconquista de sua saída para o mar, cuja solução militar implicaria guerra contra o Chile, além de envolver o Peru. Para tal desiderato, o paradigma da guerra no meio do povo parece-me descartado.

Eis por que o Exército dos EUA mostra-se prudente ao reconhecer simultaneamente que “os futuros conflitos serão, provavelmente, travados no meio do povo”³⁴ e “As forças do Exército operam em todo o espectro do conflito”³⁵. O Exército

Brasileiro está seguindo o mesmo caminho: “Operações no amplo espectro: novo paradigma no espaço de batalha”³⁶, eis o título de recente artigo assinado pelo Chefe do Centro de Doutrina do Exército e 3º Subchefe do Estado-Maior do Exército.

Ao planejador militar cabe a responsabilidade inalienável de preparar o caminho para que os líderes conduzam suas tropas à vitória, única alternativa válida no choque de vontades entre o Estado nacional e seu inimigo, estatal ou não. A flexibilidade e o futuro impõem o preparo de Forças Armadas para triunfar em qualquer hipótese de emprego, provável, mas não exclusivamente, no meio do povo.

Aí está o enigma da arte da guerra no século XXI. Cabe ao planejador militar desvendá-lo. **MR**

REFERÊNCIAS

- SMITH, General Sir Anthony Rupert. *The Utility of Force* (New York: Alfred A. Knopf, 2007), p. 415. Tradução livre pelo autor.
- Ibid., p. 5.
- Ibid., p. 19 e p. 271.
- VISACRO, Major Alessandro. “Jihad e Contrainsurgência: Concepções Distintas da Guerra Psicológica”, *Military Review*, edição brasileira, janeiro-fevereiro 2010, p. 89.
- SMITH, General Sir Anthony Rupert, op. cit., p. 261.
- Disponível em: [www.http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamas).
- O GLOBO*, segunda edição, RIO DE JANEIRO, RJ, p. 22, 19 nov. 2012.
- O GLOBO*. RIO DE JANEIRO, RJ, edições de 16 a 23 nov. 2012.
- SMITH, General Sir Anthony Rupert, op. cit., p. 19 e p. 271.
- Disponível em: <http://wikipedia.or/wiki/Mali>.
- Ibid.
- Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2012/12/20>
- Disponível em: <http://pr.euronews.com/2013/01/11>
- Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa>
- Disponível em: <http://pr.euronews.com/2013/01/30>
- Disponível em: <http://www.voaportugues.com/contente/mali-burkina-troops/>
- Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/>
- Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/>
- Disponível em: <http://agenciabrsi.ebc.com.br/noticia/2013/02/25/>
- Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/>
- Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/>
- Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/>
- Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2013/03/23>
- Disponível em: <http://www.news.va/pt/news/papa-francisco-concede-bencao-urbi-et-orbi>
- Disponível em: <http://www.dw.de/uni>
- Dissidência da AQIM.
- Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/26661/>
- Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-02-08/> e <http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/internacional/noticia/2013/03/31/>
- Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=>
- Disponível em: <http://www.youtube.com/>
- Disponível em: <http://www.alide.com.br/joomla/component/content/article/36-noticias/4437>
- SMITH, General Sir Anthony Rupert, op. cit., p. 19 e p. 271.
- O autor encerrou o artigo em 3 de abril de 2013.
- EUA, Quartel-General do Exército. FM 3-0, *Operações*, p. 1-5. WASHINGTON, DC, 27 fev. 2008. Em tradução livre.
- Ibid., p. 2-2. Em tradução livre.
- ARAÚJO, General de Divisão Mário Lúcio Alves de, in *DOCTRINA MILITAR TERRESTRE EM REVISTA*, ed. 001, p. 16. BRASÍLIA: janeiro a março de 2013.